

RAÍZES PARINTINTIN: RECONNECTANDO COM A HISTÓRIA INDÍGENA E A SOCIALIZAÇÃO NA AMAZÔNIA

 <https://doi.org/10.56238/sevened2025.021-014>

Leidiane Gomes Pereira

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Rondônia-Unir. Especialista em Neuropsicopedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Mestranda no curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT (IFRO).

<https://orcid.org/0009-0007-7725-0162>
leidhy.gomes.89@gmail.com

Adrielly Carvalho de Paula

Graduada em História pela Universidade Federal de Rondônia-Unir. Especialista em Africanidade e Cultura Afrobrasileira pela Universidade do Paraná – Unopar. Mestranda do Programa de pós-graduação em ensino de ciências e humanidades- PPGECH (UFAM).
adriellycarvalho01@gmail.com

Gizele Carvalho Leal

Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Especialista em Leitura e tradução da Libras – Centro Universitário Santo André – FSA.
gicarvalhoesilva@gmail.com

RESUMO

Esse estudo trata-se de uma pesquisa de caráter sociocultural, através de uma abordagem qualitativa, que visa compreender e analisar a identidade das manifestações culturais da comunidade indígena “Pupunha”, da etnia Parintintin, localizada no município de Humaitá – AM, como processo de formação e transformação cultural e socioambiental. Bem como, considerar a importância de conhecer a cultura amazônica além do contexto teórico. O presente texto aborda um estudo de campo – visita técnica, realizado em 2023, na Escola Municipal Indígena São José, incorporada à comunidade Pupunha. O intuito da pesquisa foi facilitar a compreensão do processo de modernização na matriz socializadora da identidade amazônica; promover o diálogo intercultural entre a sociedade local (Humaitá) e os Parintintins, e incentivar a troca de saberes e experiências entre estudantes indígenas e não indígenas. Ademais, direcionamos os estudantes não indígenas da Escola Estadual Governador Plínio Ramos Coelho – GM3, das turmas de 1ª série a conhecer sobre a identidade cultural de sua região.

Palavras-chave: Socialização Amazônica. Cultura Indígena. Etnia Parintintin.



1 INTRODUÇÃO

A socialização é um processo interativo e contínuo, através da transmissão do conhecimento, dos mecanismos de controle social e das estruturas sociais. Nós somos socializados pela aprendizagem, pela imitação, e pela identificação. Os agentes da socialização são a família, os grupos sociais e a escola. Ou seja, é a assimilação de hábitos característicos do seu grupo social, todo o processo através do qual um indivíduo se torna membro funcional de uma comunidade, assimilando a cultura que lhe é própria.

Para tal, a Sociologia enquanto ciência, corrobora na utilização de métodos de análises sociais capazes de identificar, compreender e explicar os fenômenos recorrentes às estruturas e desenvolvimento dos grupos sociais, seus padrões de relações e interação social, bem como a cultura da vida cotidiana.

Somando a esse contexto, é fundamental compreender que o ensino da história indígena vai além do estudo das culturas pré-colombianas ou dos acontecimentos relacionados à colonização do Brasil. É importante abordar a realidade atual dos povos indígenas, seus direitos, lutas e contribuições para a sociedade brasileira.

No que tange ao processo socializador e a transferência dos valores culturais de um grupo social, Pierre Bourdieu (1977) corrobora em suas análises enfatizando o habitus como instrumentalização de transposição de conhecimento e mantimento das bases estruturais de uma sociedade. Nesta perspectiva, Bourdieu diz que:

o habitus é formado pelo conjunto de esquemas gerativos, a partir dos quais os sujeitos percebem o mundo e atuam sobre ele. Esses esquemas estão socialmente estruturados: foram formados ao longo da história de cada sujeito e supõem a interiorização da estrutura social do campo concreto de relações sociais, no qual o agente se configurou enquanto tal. Ao mesmo tempo, são estruturantes: são a partir das estruturas que se produzem os pensamentos, as percepções e as ações do agente. É a partir do habitus que os sujeitos produzem suas práticas. (Bourdieu 1977).

Desta forma, o objetivo de trabalhar a cultura dos povos indígenas na disciplina de história e sociologia na escola é promover a valorização e o conhecimento sobre a diversidade cultural presente no país.

Além disso, também tem como objetivo desconstruir estereótipos e preconceitos em relação aos povos indígenas, contribuindo para a formação de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

1.1 A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E IGUALITÁRIA: UMA ABORDAGEM CRÍTICO-REFLEXIVA

O intercâmbio entre grupos interétnicos no contexto da interculturalidade, é evidenciada a possibilidade de escuta e a fala das vozes dos estudantes indígenas Parintintin sobre seus contextos históricos, bem como a educação escolar e a interculturalidade por eles articulada, trazendo o aporte das pedagogias decoloniais nas práticas do cotidiano escolar.

Outrossim, Walsh (2007), contribui ao inferir que a interculturalidade se configura como uma epistemologia de reconstrução de conhecimento que emerge na compreensão humana. Se refere às diversidades com relação ao valor da cultura como fator importante na axiologia das relações sociais, logo, o pensamento intercultural nasce como um novo paradigma epistemológico que está inserido na percepção do saber tradicional indígena como fator de construção social da sociedade contemporânea, contemplando todas as suas dimensões com referência ao reconhecimento da pluralidade cultural.

Ao longo do processo de colonização europeia, suas vertentes educacionais e ideológicas, impôs uma cultura dominante, e a educação foi utilizada como uma ferramenta para que essa imposição de perpetuasse durante gerações, sucumbindo outras formas culturais existentes, mantendo-se assim, as relações de poder e privilégio europeu fixado, beneficiando os grupos dominantes.

Ademais, percebe-se que as novas compreensões e configurações que ressignificam outras formas de pensar o saber e as epistemes, contrapondo os aspectos pragmáticos da modernidade, do capitalismo e da diferença colonial estabelecida pela colonização, para poder se pensar o mundo e os parâmetros da vida de forma mais ampla e diversa, e não estagnado.

A intercultural não busca a hegemonia, mas o reconhecimento da diversidade. Os conflitos permanecem inclusive em nome da democracia, mas devem existir em uma condição de igualdade, onde as diferenças não se reflitam em preconceitos e discriminações. (VIEIRA, 2001, p. 118).

Para Walsh (2009), a interculturalidade na dimensão de políticas oficiais do currículo está estreitamente relacionada com a configuração homogênea e universal do pensamento social moderno, com isso ressalta-se que ainda há uma hierarquização identitária, contextualizada pelas diferenças coloniais entre os povos não indígenas e os povos tradicionais.

Desse modo, partindo das determinações sobre a interculturalidade enquanto preceito de políticas e como prática que valoriza os conhecimentos tradicionais indígenas, há uma necessidade de aprofundar e fazer uma inferência mais reflexiva sobre os aspectos que permeiam os contextos da interculturalidade no âmbito dos processos sociais, considerando as relações de poder relativas às determinações existentes e a imposição da conjuntura hegemônica predominante.

Partindo da perspectiva do pensamento intercultural, sabe-se que a valorização, a afirmação, o respeito e o reconhecimento da diversidade sociocultural são um direito universal (UNESCO, 2002). Neste sentido, Candau (2002) compreende que a educação intercultural não se traduz apenas na

afirmação ou na valorização das diferenças, trata-se de inter-relação mútua e recíproca entre os diversos sujeitos e grupos socioculturais. A abordagem da educação intercultural defendida por Candau (2002, p. 135), é “[...] parte de um conceito dinâmico e histórico da(s) cultura(s), como processo em contínua construção, desconstrução e reconstrução, no jogo das relações sociais presentes nas sociedades”.

Logo, salienta-se que, desenvolver uma educação intercultural é um desafio possível. A perspectiva intercultural crítica é central para se avançar na produção de conhecimentos e no diálogo entre diversos sujeitos socioculturais, assim como desenvolver processos de ensino-aprendizagem orientados para a afirmação de uma sociedade democrática, cuja justiça social, cognitiva e cultural esteja entrelaçada (Candau, 2011).

Por fim, pelo lócus dos povos indígenas e do pensamento decolonial, as culturas tradicionais e suas complexas características ancestrais e cosmológicas jamais deveriam ser hierarquizadas, equiparadas e condicionadas a medições que visam unificar, homogeneizar padrões e ocultar as diversidades culturais. Portanto, a Educação Intercultural vista a partir do intercâmbio e sua interação entre diferentes grupos étnicos, vem com uma proposta inovadora que segundo Freire (1987) impulsiona as mudanças na sociedade no que tange à educação, funcionando como ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Visita Técnica: Escola Municipal Indígena São José, na Comunidade Pupunha da etnia Parintintin, localizada ao sul do Amazonas.



Fonte: Mikael Lucas

2 METODOLOGIA

A opção metodológica adotada na pesquisa foi a Qualitativa do tipo Exploratória/Descritiva. O local visitado foi a comunidade indígena “Pupunha”, localizada na BR – 230, Transamazônica. Pertence a reserva indígena 09 de janeiro, situada à 7 Km da cidade de Humaitá, no sul do Amazonas. Buscamos abordar suas formas de manifestações culturais e sua identidade, bem como, a influência da transformação sociocultural através da modernidade. A atividade proposta foi executada com os discentes da Escola Estadual Gov. Plínio Ramos Coelho – GM3, nas turmas de 1ºséries (1, 2, 3 e 4), nos turnos matutino e vespertino.

Propomos que os estudantes não indígenas da escola estadual GM3 fizessem uma análise da cultura indígena, expondo seus conhecimentos prévios e suas visões sobre a vivência dos Parintintin, em sua contemplação nas dimensões, como a linguagem, os valores, as crenças, os costumes e os rituais, entre outras tantas dimensões. Objetivou-se fazer um estudo da identificação e das formas como os diferentes grupos habitam, alimentam-se, vestem-se, como estes organizam suas relações sociais, suas manifestações religiosas e como compreendem o significado dos seus símbolos.

A respeito da cultura indígena Parintintim, foi utilizado como ponto de partida e principal literatura o livro intitulado “Uma Viagem ao Mundo dos Pykahu-Parintintin: olhares, percepções e sentidos”, pela abordagem sensível dos pesquisadores e singularidade da publicação.

Em campo, foi utilizada, como instrumento de geração de dados, uma roda de conversa onde pode-se apresentar ambos grupos interétnicos e sanar as curiosidades dos mesmos em relação as vivências um do outro.

- **Encontros:** os encontros com cada grupo ocorreram de maneira presencial, e as interações entre os grupos participantes foi realizado de forma livre conhecendo o espaço da comunidade, e a posteriori em uma sala de aula em forma de roda de conversa. No decorrer das atividades foi verificado como a metodologia favorece o intercâmbio intercultural. As trocas de informações que foram anotadas e posteriormente analisadas.
- **Geração de dados:** Para geração dos dados foi utilizada um caderno de campo que permitiu a criação de mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e compartilhar conteúdos, através das redes sociais e dos relatórios, permitindo à pesquisadora gerenciar os materiais e possibilitar a interação dos estudantes por meio da colaboração. A escolha dessa plataforma deu-se por ser gratuita, possibilitar postagem de textos, imagens e vídeos, podendo ser utilizada de maneira eficaz na educação intercultural.

Destarte, no espaço da sala de aula, os estudantes indígenas e não indígenas puderam explorar temas interculturais, incentivando a troca de ideias e experiências. Nesta perspectiva, os estudantes puderam postar perguntas sobre a cultura de cada grupo, permitindo um diálogo contínuo que valorizou

diferentes perspectivas. Para responder as perguntas os estudantes compartilharam suas produções discursivas (textos, vídeos e imagens) inspiradas em suas culturas, favorecendo o reconhecimento, o respeito e a valorização das contribuições culturais de cada estudante.

Inicialmente foi configurado uma interatividade com o tema “Intercâmbio intercultural”: na primeira interação houve duas questões como ponto de partida para as interações: a) uma destinada aos indígenas: o que você estudante indígena tem curiosidade sobre a cultura do estudante não indígena? b) o que você estudante não indígena tem curiosidade sobre a cultura do estudante indígena. No decorrer do processo interativo, os participantes tiveram a liberdade para expor suas curiosidades que estavam além do roteiro de perguntas pré-estruturado pelos mesmos. Além de compartilharem suas vivências, puderam correlacionar fatores de proximidade ou antagonismo de seus processos sociais.

3 RESULTADOS

A Aldeia Pupunha, localizada no coração da Amazônia, é lar da etnia Parintintin. Durante nossa visita à aldeia, pudemos vivenciar uma experiência única e enriquecedora, conhecendo de perto a cultura e o modo de vida desse povo.

Logo ao chegarmos, fomos recebidos com calorosa hospitalidade por toda a aldeia. Uma das primeiras coisas que nos chamou a atenção foi a organização comunitária presente no local. As lideranças locais fizeram uma recepção com elementos culturais de sua própria etnia, mostrando a todos os ritos de boas-vindas da comunidade para conosco.

Ao longo do dia, tivemos a oportunidade de participar de diversas atividades, como a apresentação de todas as lideranças indígenas locais, a apresentação de todo o corpo docente da escola, bem como a exposição e explicação de alguns ritos e elementos culturais da comunidade, fazendo um intercâmbio cultural. Tivemos momentos de trocas significativas, como a oportunidade de aprender sobre a língua Parintintin e a história ancestral da etnia, que foi realizada por meio de conversas com os mais velhos, no caso o cacique (seu Marazona), onde pudemos compreender a luta constante pela preservação da identidade cultural e o resgate de práticas tradicionais.

A Aldeia Pupunha é um verdadeiro exemplo de resistência e resiliência. Apesar dos desafios enfrentados diante do avanço da modernidade e da pressão do mundo exterior, os Parintintin lutam incansavelmente pela preservação do seu modo de vida e proteção do meio ambiente. Essa experiência na Aldeia Pupunha foi verdadeiramente transformadora. Aprendemos muito sobre respeito à natureza, comunidade e preservação cultural. A convivência com os Parintintin despertou em todos nós uma maior conscientização sobre a importância de valorizar e proteger a diversidade étnica e cultural que existe no nosso país.

4 DISCUSSÃO

A partir desta aula em campo obtivemos como resultado uma compreensão prática de como a comunidade Indígena Pupunha se estrutura e se organiza enquanto grupo social, mantendo suas raízes socializadoras, mostrando aos alunos de forma empírica o organismo funcional de uma comunidade indígena, que antes era analisado apenas em abordagens teóricas.

A documentação e registros escritos/fotográficos da história indígena dos Parintintin, contribuiu para ampliar a produção do conhecimento reflexivo e proporcionou uma melhor compreensão dos modos de vida da comunidade frente à modernização, bem como contribuiu para enfatizar a importância da valorização da cultura indígena.

Além disso, obtivemos um melhor entendimento no que tange à transmissão aos seus ritos, conhecimentos e valores. Por fim, pudemos estabelecer parcerias e trocas de experiências entre os indígenas Parintintin e os discentes da referida escola, criando laços de respeito e cooperação.

5 CONCLUSÃO

A organização das atividades de trabalho, bem como das estruturas culturais entre as relações na comunidade, se mantém por incorporar nas novas gerações os valores da cultura raiz e a importância de preservá-la. É inegável que tal modo de criar e educar os filhos tem suas vantagens, na medida em que proporciona um ambiente familiar mais saudável, com os pais acompanhando integralmente o crescimento dos filhos em todos os sentidos, algo difícil de ser conseguido no meio urbano, descortinando um horizonte de perspectivas de valores morais e culturais junto à comunidade.

Eles dividem as atividades e os aspectos simbólicos que as envolvem, e solidificam a presença da conservação dos ritos. Nesse sentido, a cultura é uma forma de criação de um habitus, que se perpetua de geração a geração mantendo os laços matrizes da comunidade viva até os dias de hoje. Ademais, na cultura indígena, enquanto sistema de disposições para atuar, perceber, sentir e pensar de certa maneira, interiorizado e incorporado pelos indivíduos na comunidade ao longo de sua história, o habitus se manifesta em um sentido prático, que funciona como preservação da identidade cultural.

Por fim, obtivemos através dessa experiência de aula em campo, a real possibilidade de observarmos através de um olhar histórico e sociológico, a formação das estruturas culturais que a comunidade indígena Pupunha vem preservando ao longo do tempo. Dessa maneira, percebemos a ênfase que os líderes da comunidade interrelacionam aos demais, em repassar tais valores aos novos, no que tange a cultura, ritos, linguagens, tradições, culinária etc., bem como, mantem de forma coesa a importância desses valores na consciência ideológica deles, fazendo se perpetuar suas origens vivas e preservadas ao longo da história e na sociedade de modo geral.



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaríamos de agradecer a liderança da comunidade indígena Pupunha pela receptividade, representado pelo cacique, o sr. Marazona Parintintin.

A gestora da escola municipal São José, Rosangela Parintintin; e os professores, pelos conhecimentos compartilhados no desenvolvimento da visita técnica, e pela parceria construída durante esse processo.

Aos estudantes da escola Estadual Plínio Ramos Coelho – GM3, e a escola como um todo, representada pela gestora, a professora Maria Eliana da Rocha. Bem como ao pais dos alunos que depositaram total confiança no nosso trabalho.

Aos sujeitos, estudantes da Escola Municipal São José, e toda a comunidade indígena pela acolhida e confiança.



REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos sobre etnologia Cabila. Oeiras: Celta, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: CANDAU, Vera Maria (org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 154-173.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Currículo sem Fronteiras, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 79, p. 125-161, ago. 2002.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Sociedade, educação e cultura. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CUCHE, Denis. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.
- FERNANDES, L. A.; GOMES, J. M. M. Relatório de pesquisa nas ciências sociais: características e modalidades de investigação. Porto Alegre, [s.l.], v. 3, n. 4, 2003.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALLIANO, Alfredo Guilherme. O método científico: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- LAGE, Giselle Carino. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. Espaço Acadêmico, [s.l.], n. 97, 2009. Disponível em: [inserir URL válida]. Acesso em: 4 mar. 2016.
- LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MAINARDES, Jefferson. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres (org.). Pesquisa social: reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. p. 99-124.
- TITIEV, Mischa. Introdução à antropologia cultural. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.
- UNESCO. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. França: UNESCO, 2002.
- VIEIRA, Rosângela Steffen. Educação intercultural: uma proposta de ação no mundo multicultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). Intercultura: estudos emergentes. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. p. 117-127.
- WALSH, Catherine. Entretejiendo lo pedagógico y lo decolonial: luchas, caminos y siembras de reflexión-acción para resistir, (re)existir y (re)vivir. [s.l.]: Alternativas, 2017.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des) de el in-surgir, re-existir y re-vivir. UMSA Revista (Entre Palavras), Fortaleza, v. 3, n. 30, p. 1-29, 2009.